

IMPORTÂNCIA E FUNCIONALIDADE DE UM CURSO DE GREGO INSTRUMENTAL

Rosa ROSSI¹

- **RESUMO:** Este artigo pretende demonstrar como um curso instrumental é o destino natural do grego clássico, já que o estudo desta língua só pode ser realizado nos textos, isto é, através do desenvolvimento da habilidade de leitura.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Estudo instrumental; línguas modernas; grego clássico; léxico grego.

O estudo de uma língua diferente da própria é um instrumento fundamental na ativação de processos de comunicação de todos os tipos. O conhecimento de uma língua estrangeira permite ampliar a própria dimensão cultural através da leitura de textos na língua originária, a compreensão de emissões radiofônicas e televisivas de outros países, a possibilidade de se comunicar com outras pessoas de forma escrita.

Esse processo elimina gradualmente a necessidade de definir “estrangeira” uma língua, permitindo, ao mesmo tempo, dilatar as coordenadas espaciais de quem se aplicou ao seu estudo.

Esse tipo de dimensão se oferece aos que enfrentam o estudo de uma língua para a ativação de todas as habilidades lingüísticas com vistas à aprendizagem completa. Mas, às vezes, a aprendizagem pode ser restrita à ativação de uma habilidade: é o caso dos cursos instrumentais. O objetivo de tais cursos é dirigido, geralmente, à aquisição da capacidade de leitura de um texto, juntamente com a capacidade de acompanhar, por exemplo, uma conferência sobre um assunto específico.

O estudo instrumental revela-se proveitoso em todas as circunstâncias em que um estudante ou um profissional precisam pôr-se em contato com textos e manuais em uma língua diferente da própria, mas básicos para sua atividade de estudo ou trabalho, quando não há traduções devido à especificidade do assunto e ao inevitável vínculo entre tradução/publicação/mercado.

¹ Liceo Classico Orazio – Roma – Itália, Professora Visitante junto ao Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800-000 – Assis – SP.

Disso decorre uma restrição da comunicação, definida no ato da estruturação do curso: mesmo que o objetivo seja o estudo de uma língua com um número mais ou menos grande de falantes no mundo, esse objetivo será restrito, por exemplo, à compreensão de um texto técnico. O que representa, sem dúvida, uma vantagem, com relação ao setor específico de trabalho de quem aprende, não lhe oferecendo, porém, as mesmas possibilidades de ampliação da sua dimensão espacial de um estudo destinado à ativação de todas as habilidades lingüísticas.

Essas reflexões são válidas quando o estudo instrumental diz respeito a uma língua moderna. Existe, entretanto, uma outra possibilidade, representada pelo estudo das línguas clássicas e, em particular, do grego.

A história da língua grega tem um caráter específico que condiciona seu estudo, limitando-o imprescindivelmente à compreensão do texto. A peculiaridade fundamental da língua grega moderna é a de ser falada hoje por um número muito reduzido de pessoas, estando seu uso restrito à nação grega. Além disso, essa língua foi plenamente reintegrada como língua escrita, língua de cultura depois da independência da Grécia do Império Otomano em 1821, o que pode explicar a defasagem entre o grego clássico e o moderno.

O discurso sobre o grego moderno é, na prática, bastante simples, uma vez que a Grécia, país do sul, tem hoje um papel marginal no contexto político-cultural da Europa, onde a hegemonia política dos países do norte associa-se, quase sempre, a hegemonia cultural. À história recente se contrapõe, porém, a história antiga da língua, caracterizada por períodos diferentes entre si (arcaico, clássico, imperial, bizantino), com uma produção literária extremamente rica e complexa.

A longa fase denominada bizantina, que terminou com a queda de Constantinopla em 1453, assistiu ao declínio do uso literário e culto da língua, no seu ambiente geopolítico, inclusive na península grega.

Nos mesmos anos, por outro lado, o estudo do grego era retomado com grande interesse pelos humanistas italianos, enquanto na sua terra de origem permanecia apenas como língua falada e, por isso, exposta a grandes mudanças fonéticas.

Para esclarecermos melhor, é preciso considerar as lutas políticas que levaram a Grécia à independência e fizeram com que os gregos quisessem retomar posse da sua língua como capaz de expressar uma cultura escrita. Mas, até chegar ao início do século passado, o intervalo secular não impediu os habitantes da Grécia de continuar falando a sua língua que, ao longo do tempo, transformou-se profundamente. Disso decorre a distinção entre grego clássico e grego moderno, bem como a dificuldade para um especialista do primeiro compreender o outro e vice-versa, apesar do vínculo entre os dois.

Esta interrupção no uso escrito da língua fez que, ao se falar atualmente de produção literária grega e de herança grega nas línguas modernas, a referência seja de necessidade, e quase com exclusividade, ao grego clássico.

A história, neste sentido, operou de uma forma diferente no caso do grego e do latim. Esse último, graças à extensão do Império Romano, à estabilidade de alguns dos seus elementos (exemplo: o *corpus* "jurídico"), ao uso contínuo do latim da igreja, originou as diferentes línguas românicas entre as quais permanece um vínculo evidente, apesar das transformações relacionadas com o uso falado da língua, das variedades regionais, das influências lexicais e fonéticas de outras línguas faladas no território do Império Romano e nos territórios onde elas se difundiram no período colonial. O uso do grego, ao contrário, depois de uma produção vária que teve ramificações em todos os campos do saber, sofreu uma interrupção secular, apesar de a Grécia ter sido incluída, por um período bastante longo, dentro do Império Romano. Deve-se a isso seu desaparecimento como língua de cultura, bem como à inexistência de línguas dela derivadas.

Essa situação, entretanto, não determinou o fim da língua grega: justamente por ter sido a língua de cultura mais difundida nos tempos antigos, reconhecida até pelos intelectuais romanos, acabou deixando uma herança lexical, direta e indireta, fundamental ainda hoje nas línguas românicas e anglo-germânicas.

A partir desta herança lexical pode-se pensar o estudo instrumental da língua. Com efeito, se o estudo instrumental ativa apenas algumas das habilidades lingüísticas, no caso do grego a única habilidade possível é a da leitura e da compreensão de um texto. De certa maneira, portanto, o estudo do grego pode ser naturalmente e exclusivamente instrumental.

Quem se dispõe hoje ao estudo da língua grega vai enfrentar esse estudo na qualidade de usuário "passivo", faltando-lhe a possibilidade de falar, ouvir, escrever em grego, isto é, não poderá ampliar sua dimensão espacial. A limitação, entretanto, revela-se apenas aparente, já que este estudo permite percorrer distâncias temporais e estabelecer, assim, um contato com realidades culturais distantes no tempo mas, ao mesmo tempo, básicas para entender a formação e o desenvolvimento da civilização ocidental.

Portanto, apesar da ausência da comunicação direta com outras pessoas, haverá a possibilidade de ativar uma forma de comunicação receptiva baseada em níveis graduais de conhecimento:

- estruturas morfossintáticas básicas;
- léxico grego presente nas línguas modernas;
- léxico de formação moderna e contemporânea derivado do grego;
- decodificação dos textos gregos clássicos com vistas à compreensão da mensagem, do contexto que os produziu e das relações de analogia e diferença com a atualidade.

O usuário "passivo" não terá a possibilidade de produzir de forma direta textos orais ou escritos em grego, funcionais à interação real, mas terá a leitura de textos como campo de ação privilegiado para a ativação da competência lingüística.

A ausência da prática comunicativa oral não diminui a importância desse estudo que, além da comunicação com os "arquivos" culturais da cultura ocidental, fornece a chave para conhecer a origem e o desenvolvimento de uma grande parte do léxico culto atual.

Com base nestas considerações, podem-se prever duas modalidades de contato com a língua grega:

- leitura e compreensão direta dos textos clássicos, imprescindível para entender o desenvolvimento do pensamento mítico, histórico-filosófico e científico e as relações mantidas através do tempo com o passado;
- estudo instrumental, dirigido ao reconhecimento da presença lexical grega na língua materna.

A primeira possibilidade é dirigida a um público restrito. Os especialistas do setor representam assim a única ligação entre o conhecimento do pensamento grego e um público amplo que utiliza apenas os resultados dos estudos específicos através da leitura de obras clássicas em tradução ou de ensaios sobre diferentes assuntos (teatro, historiografia, filosofia etc.).

Ao contrário, a segunda possibilidade pode ser pensada para um público muito mais amplo, especialmente com formação universitária. Esse tipo de preparação deveria ter como objetivo primário fornecer a consciência histórica do percurso que os seres humanos enfrentaram para chegar à atual complexidade e especialização do saber, além da competência específica nos diferentes setores de pesquisa.

Com efeito, se os conhecimentos antigos relativos às diferentes disciplinas foram superados pela pesquisa e pelo desenvolvimento científico modernos, a cultura clássica continua sendo o início da formação das categorias lógicas do pensamento filosófico e científico, bem como do processo de especialização do saber.

É realmente difícil tornar acessível a compreensão da lenta formação desse processo cultural, mas pode-se aprofundar a consciência linguística no tocante ao uso culto e especializado da língua materna; no âmbito da cultura grega formaram-se, de um lado, a linguagem abstrata das categorias lógicas do pensamento e, de outro, as linguagens específicas, em consequência do progressivo aparecimento de campos de pesquisa diferentes a partir do pensamento mítico originário.

Este processo cultural e linguístico definiu-se, enriqueceu-se e modificou-se através dos séculos juntamente com o avanço dos conhecimentos técnicos e científicos, com as transformações políticas e sociais e com o contato com outras civilizações.

Disso decorre que, ainda hoje, a presença lexical grega nas línguas modernas desenvolve um papel fundamental, por um lado, com respeito aos termos gregos

conservados nas línguas românicas e anglo-germânicas sem grandes variações, por outro, com respeito aos neologismos formados com base em palavras gregas.

O conhecimento do léxico grego e das modalidades de confluência na língua-mãe e, em particular, na linguagem específica do setor de interesse ou de estudo representa, portanto, a dimensão temporal da consciência lingüística, que pode ser perdida devido à difusão de uma mentalidade excessivamente especialista que induz uma competência aprofundada mas fragmentária.

É possível, sem dúvida, adquirir uma boa preparação cultural e profissional sem estudos complementares. Não se pode esquecer, entretanto, um outro aspecto, básico para o homem atual: nosso tempo é o resultado de infinitas passagens que permitiram e permitem o progresso social, cultural, científico e tecnológico. Enfrentar apenas o setor de interesse, sem despertar a curiosidade de saber como se chegou ao resultado último, significa aceitar a difusão de uma mentalidade exclusivamente técnica, o que poderá, a longo prazo, reduzir a memória histórica da humanidade e o patrimônio cultural, apesar da aparente complexidade dos conhecimentos.

Alguns exemplos podem evidenciar a importância histórico-cultural de um curso instrumental de língua grega:

História	gr. ιστορία ; radical i.e. <i>nid</i> (cf. port. <i>ver</i> , it. <i>vedere</i> , fr. <i>voire</i> etc.). O sentido originário do termo é "descrição, pesquisa" e remonta ao VI século a.C. quando, devido às mudanças sociais e econômicas relativas à estabilização da <i>polis</i> e ao tráfico comercial na área mediterrânea, difundiu-se entre os gregos o costume de descrever lugares e povos. Nos séculos seguintes, o termo assumiu o sentido que manteve no tempo, com respeito à produção histórico-literária de Heródoto, Tucídides etc.
Política	Trata-se de um substantivo derivado diretamente do adjetivo grego substantivado τὰ πολιτικά : <i>ο θυε χονχερνε polis</i> . Esse termo indica no grego clássico o conjunto de território e habitantes e não tem um termo equivalente nas línguas modernas, em que o conceito de cidade desenvolveu-se de forma diferente. Por isso os termos das línguas modernas indicativos de cidade derivaram do latim (<i>civitas, civitatis; urbs, urbis</i>) enquanto do grego permaneceu o termo política em uma acepção mais limitada e técnica, às vezes acompanhada de depreciativos, devido às diferenças entre sociedades.
Meteorologia	gr. μετεωρολογία (τὰ μετέωρα : espaços, corpos, fenômenos celestes) – estudo dos espaços, corpos, fenômenos celestes. A presença deste composto no dicionário grego revela a passagem, na cultura grega, do mítico receio por tudo o que era desconhecido e, por isso, relacionado com a presença divina, para a observação racional dos fenômenos naturais. O termo <i>logos</i> , no sentido de estudo, desenvolve o papel de sufixo em muitos termos de formação análoga, tanto antiga como recente.

continuação

Física	O substantivo é derivado do adjetivo grego φυσικός, ή, ον (pertencente à natureza) relacionado com o substantivo φύσις, εως = natureza. O termo português para indicar o mesmo conceito derivou do latim (<i>natura, ae</i>). O termo grego, entretanto, permaneceu, além do caso analisado, em função de prefixo/sufixo nos termos específicos da linguagem médica e biológica, que se formaram ao longo do tempo, com relação ao desenvolvimento dos conhecimentos nessas áreas.
Cinema	gr. κίνημα, ατος = movimento (κίνηω = mover). O substantivo foi adotado nos meados do século passado para indicar a novidade representada pela projeção de imagens "em movimento".
Pediatria	O substantivo é formado por dois termos gregos (παῖς, παιδός = criança; ἰατρός, οῦ = médico). Esse, assim como muitos outros termos da linguagem médica, é formado com base em uma ou mais palavras gregas. As formações mais frequentes baseiam-se na união de um termo que indica uma parte do corpo humano (καρδία, ας: coração; ἥπαρ, ήπατος: fígado etc.) com um prefixo/sufixo.
Eco-	Alguns termos gregos estão presentes nas línguas modernas apenas em função de prefixos ou sufixos. É o caso do termo grego que indica casa (οἶκος, ου): já no dicionário grego encontra-se a palavra οἰκονομία para indicar tudo o que se relaciona à administração da casa e às normas que regulam sua vida (νόμος = norma, lei). Ao longo do tempo, a acepção da palavra ampliou-se até designar uma disciplina autônoma. O sentido de οἶκος, neste, bem como em outros compostos, não é mais o de casa mas o sentido, translato, de hábitat.

Os exemplos mostram que o aspecto mais importante da presença grega nas línguas modernas é representado pelo léxico, cuja análise evidencia a etimologia das palavras e sua origem indo-européia, bem como a história do valor semântico e da modificação ocorrida ao longo do tempo juntamente com as modalidades de assimilação nas línguas modernas.

É interessante, a propósito disso, analisar estas diferentes possibilidades de assimilação para mostrar a vitalidade desse processo histórico-lingüístico.

Podem ser destacados, em primeiro lugar, os termos nos quais é reconhecível a origem comum indo-européia do latim e do grego. Trata-se de termos que confluíram na língua portuguesa a partir do latim, mas que têm seus correspondentes exatos em grego. Um exemplo disso é a palavra "noção", que remonta diretamente ao latim *notio, notionis*. O radical que expressa o conceito de conhecimento, entretanto, pode ser relevado tanto na família de palavras que diz respeito ao assunto (*cognosco, cognitor, cognomen, cognitio, nosco/gnosco, notio, notus, notitia*) como na respectiva família grega (γινώσκω, γνώμη, γνώμων, γνώριμος, γνωρίζω, γνώσις etc.), e a única diferença entre as palavras consiste apenas na queda da consoante gutural na frente da nasal que se realizou na língua latina na época clássica (*gno-/no*). Essa ligação

entre um termo português, seu correspondente latino e a raiz grega remete à formação antiga das palavras e à subsequente separação das línguas no interior da grande família indo-européia.

Há, pois, termos gregos presentes no léxico português graças à mediação do latim. Esse tipo de mediação é antiga e remonta à época clássica da língua latina, quando o contato entre mundo romano e grego, apesar de estar baseado em uma relação entre dominador e dominado, atuou-se no campo da cultura como dependência de Roma com relação à Grécia e, em particular, a Atenas e suas escolas filosóficas. Neste sentido, encontram-se, na língua clássica, empréstimos do grego (exemplo: *philosophia* etc.). A presença do léxico grego no latim, portanto, pode ser explicada pelo difícil contato cultural entre as duas civilizações que se realizou a partir do III século a.C. e abrangeu, de forma específica, todos aqueles setores da atividade cultural que os Romanos não tinham desenvolvido antes do encontro com a cultura filosófica, oratória e política já ricamente desenvolvida na área lingüística grega.

Esse processo lingüístico pode ser esclarecido através da história de duas palavras: "átomo" e "mártir". O termo grego *atomo* indica o que não se pode dividir (prefixo -a- e radical tem/tom que expressa o conceito de cortar) e encontra-se, com poucas modificações fonéticas, em todas as línguas românicas e anglo-germânicas (ingl. *atom*, fr. *atome*, it. *atomo*). O termo foi introduzido no vocabulário latino a partir do século I a.C. juntamente com a difusão em Roma da filosofia epicuréia. Epicuro, entretanto, na sua obra filosófica, não usa tanto esse termo quanto outras perfrases para traduzir em língua latina o mesmo conceito (*primordia rerum, corpora prima, principia, semina* etc.). O outro termo, "mártir", indica na língua portuguesa uma pessoa que sofre torturas até a morte para testemunhar a sua fé ou, em geral, suas idéias. Esse termo entrou no vocabulário latino (*martyr, is*) na época da difusão do cristianismo, depois de ter passado por transformações desde o século V a.C., quando era usado na linguagem técnica dos tribunais atenienses com o sentido de testemunha, até receber o mesmo sentido que teve em latim e com o qual passou para as línguas românicas.

Além disso, existem palavras compostas por um ou mais termos gregos, usados nas modernas linguagens setoriais. Trata-se de termos que se formaram na Grécia no momento da passagem do pensamento e da linguagem mítica para a pesquisa das categorias do pensamento racional, surgindo a necessidade de uma linguagem adequada às novas necessidades semânticas. Por isso, estes termos introduziram-se nas línguas modernas quase inalterados. Este processo iniciou-se nos séculos VI-V a.C. e desenvolveu-se no período helenístico, quando se afirmou a especialização do saber. Um exemplo disso é o termo "astronomia" *αστρονομία*: os dois termos de que consta (*άστρον-νόμος*) existiam já na época arcaica, mas o termo composto só foi usado a partir do século V a.C. Os termos desse tipo modificaram e enriqueceram, ao longo do tempo, seu sentido originário de acordo com o desenvolvimento da pesquisa nos diferentes setores: *φιλολογία, μεταφορά, μυθολογία, επανάληψις, αρχαιολογία, υπόεσις, ανάλυσις, σίστημα, πρόβλημα, φαινόμενον*. Cada um

deles pode ser analisado do ponto de vista etimológico (exemplo φαινόμενον = o que aparece, cf. φαίνω = aparecer). A análise revela que, na maioria dos casos, os mesmos termos foram usados, na sua origem, no sentido próprio, tendo adquirido o sentido translato apenas em época helenística. É o caso de πρόβλημα, usado na linguagem trágica no sentido de "saliência, obstáculo", que passou a ter o sentido translato de "obstáculo" através do uso filosófico da linguagem até adquirir, na linguagem matemática, o sentido de "questão, problema". O termo "matemática" tem uma história análoga: derivado do radical que expressa o conceito de aprendizagem (*math-*), adquiriu um sentido mais específico já na época helenística. Um caso interessante é representado pelo termo ιδιώτης, que na polis ateniense do século V a.C. indicava o cidadão nos raros momentos da sua vida em que não estava ocupado com a vida política da cidade. Em Atenas, a participação política do cidadão era tão importante que o termo passou a ter a acepção negativa (ignorante, grosseiro) que apresenta nas línguas românicas. Estas considerações atestam, de um lado, o nível de abstração da linguagem que a civilização grega atingiu, superando a fase mítica que a caracterizou, como qualquer outra, na sua origem; de outro, o processo de especialização da linguagem.

Um último aspecto, a ser considerado, da presença do léxico grego nas línguas modernas diz respeito a termos formados, nos tempos modernos e contemporâneos, por uma ou mais palavras gregas e relacionados com o progresso dos estudos nas diferentes áreas e à formação de novas disciplinas. Cada uma destas palavras tem uma história diferente, sendo possível estudar sua origem, identificar o lugar onde se encontra ou, até mesmo, a pessoa que a usou pela primeira vez. Em geral, pode-se dizer que esse processo iniciou-se no século XVIII na realidade cultural francesa e continua ainda hoje, sobretudo em área norte-americana. A língua grega revela sua grande vitalidade, no mundo moderno, suprimindo a necessidade de termos para indicar, com nomes específicos e adequados, tanto disciplinas novas (exemplos: etnologia, antropologia, lexicologia, cardiologia, psicoterapia etc.), como objetos, ações, atividades profissionais resultantes do progresso tecnológico (exemplos: telefone, gramofone, datilografia, telégrafo, litografia, telegrama, cardiografia, astronauta). Em decorrência deste progresso, é possível observar, de um lado, a adaptação semântica de palavras gregas que, em sua origem, indicavam conceitos ou objetos diferentes dos atuais (disco, cinema, discoteca, crítica, semântica etc.); de outro, formações híbridas em que uma parte apenas do composto é grega (exemplos: latim-grego: televisão, geociência, videoteca etc.; grego-inglês: aeroclube; grego-francês: telenovela etc.).

Todas as ocorrências consideradas, entretanto, mostram que o léxico derivado da língua grega se apresenta na forma originária, apesar de algumas poucas diferenças fonéticas e gráficas, nas línguas românicas e anglo-germânicas. Nota-se, portanto, que esse elemento lexical é fundamental para a formação de uma *língua cultural internacional* que favorece a compreensão mútua dos estudiosos, sobretudo em respeito à leitura dos textos.

Pode-se afirmar, então, que a importância do conhecimento da língua grega não é apenas lingüística, mas também básica para a compreensão do desenvolvimento da civilização e de seus resultados em áreas diferentes. Pode-se, outrossim, relevar que palavras gregas entraram na linguagem do dia-a-dia, apesar de a sua origem passar despercebida (exemplos: música, área, disco, teatro, esquema, clima etc.). Estes termos sofreram transformações já em época antiga até chegar ao sentido que assumiram no léxico das línguas modernas: é o caso de "fantasia", derivado do grego φαντασία, que tinha, na origem, o sentido de "vista, espetáculo" e foi assumindo o sentido de "representação, figura" com o qual se relaciona o sentido atual em português.

Todas essas considerações permitem avaliar a importância de um estudo instrumental da língua grega clássica, que, partindo do léxico, pode ser realizado em duas etapas. Inicialmente, mediante o reconhecimento do léxico grego presente na língua portuguesa em textos diferentes (ensaios, narrativas, artigos etc.); em seguida, mediante a leitura de textos em língua originária para levantar os termos presentes no português e em outras línguas modernas, conforme as modalidades analisadas.

Este percurso pode ser, posteriormente, aprofundado com a leitura e a análise morfosintática e lexical de textos gregos escolhidos com base nos conteúdos (mítico, histórico, filosófico, científico etc.), a fim de atender às exigências dos usuários e desenvolver as competências específicas de cada um. Para obter bons resultados, o curso deverá basear-se em um método gradual, prevendo:

- apresentação e estudo do sistema gráfico da língua grega;
- apresentação de uma grade com o léxico de base relativo a cada texto para iniciar a sua compreensão;
- análise, a partir dos termos do texto, dos termos presentes no vocabulário português em forma idêntica ou em derivados e compostos;
- verificação das mudanças semânticas ocorridas no tempo;
- identificação da declinação nominal e da conjugação verbal a partir dos elementos textuais com vistas a uma aprendizagem gradual das características morfológicas e sintáticas da língua grega.

Com o enriquecimento progressivo de seus conhecimentos lingüísticos, o estudante poderá aprender o valor originário de alguns termos e entender as variações semânticas decorrentes de mudanças no contexto histórico-cultural.

Esse tipo de aprendizagem permite, em suma, a descoberta do verdadeiro sentido de palavras que fazem parte da bagagem lexical de cada um, dentro de uma nova dimensão de consciência histórico-lingüística.

ROSSI, R. The importance and functional use of a course in Greek for specific purposes. *Alfa (São Paulo)*, v.39, p.211-220, 1995.

- **ABSTRACT:** *This paper intends to show how a course in Greek for specific purposes seems to be the natural trend of the study of the classical Greek, since such a study can only be accomplished through texts, that is, through the ability of reading.*
- **KEYWORDS:** *Language for specific purposes; modern languages; classical Greek; Greek lexicon.*